

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Povo / CE Class.: Tremembé 16
 Data 24/05/93 Pg.: _____

Amélia luta pelos pobres A destemida missionária criou a missão Tremembé

ALCEBIÁDES SILVA

“A vida não tem sentido, se não houver bastante preocupação com o coletivo, com as lutas, com os direitos. Só vale a pena quando a gente vive junto com os demais e é capaz de aprender, sobretudo com os simples.” A lição foi aprendida pela missionária Maria Amélia Leite, 62, mais da metade dos quais dedicados às lutas populares, à defesa dos fracos, à ajuda aos necessitados. A vida em comunidade é tão importante para ela, que diz que simplesmente já não consegue passar sem isso, um dia sequer. A ponto de trocar a vida em família pelo convívio com uma comunidade de operários, uma aldeia indígena.

Filha de cearenses, Maria Amélia nasceu em Franca, São Paulo, de onde saiu recém-nascida, passando a morar, com a família (o pai era bancário do BB), em vários estados brasileiros e aí deve ter origem o “espírito de retirante”, na verdade uma experiência muito rica, que a levava, em 1961 a ingressar na luta operária. Então funcionária da Estrada de Ferro - RFFSA, Amélia apresentava forte engajamento na luta travada por aqueles funcionários, sendo lançada como candidata à diretoria do Sindicato da categoria, em 1963, pouco antes de ser nomeada para uma função burocrática do Ministério do Trabalho.

Foi no Ministério que passou a trabalhar com a Fundação dos Sindicatos Rurais, atuando diretamente no campo, até aposentar-se, em 1977. Ligada, a princípio à Ação Católica Operária - atualmente pertence às comunidades de base - Amélia conheceu momentos difíceis, de repressão e perseguição política, o que, longe de levá-la a desistir, só fortaleceu sua coragem e arrefeceu seu espírito de luta.



Maria Amélia Leite é feliz com a opção de vida comunitária

Em sua missão em favor dos pobres e oprimidos, Maria Amélia, no ano de 1978, passou quatro meses viajando pelo Ceará, Pernambuco, Bahia e Sergipe, onde travou seus primeiros contatos com os índios Xokó, então apenas 23 famílias e hoje mais de 60. Extremamente alegres, amantes da música, das danças e “mangadores deles mesmos, da gente e dos outros”, os Xokós, na opinião da missionária, em muito se parecem com os Tremembé, indígenas cearenses com os quais trabalha há cerca de oito anos, no começo sozinha, depois com mais quatro missionários, com os quais criou, em 1989, a Mis-

são Tremembé.

Satisfeita com a opção de vida feita, Amélia fala com paixão e respeito dos índios, “seres de imensa capacidade, inteligência, lógica, sabedoria, paciência e bondade” define a missionária, que na juventude gostou muito de namorar, ir à praça e ainda hoje gosta de dançar, de cantar, de poesia. Coisas que passaram a segundo plano quando abraçou a bela causa a que se dedica. Uma escolha que faria novamente, pois garante que “valeu e vale a pena. Deus me livre de ver-me obrigada a mudar minha vida”, teme Amélia.